



Saúde sexual e reprodutiva das mulheres na pandemia de covid-19

Apresentamos resultados parciais da pesquisa “**Pandemia de Covid-19 e práticas reprodutivas de mulheres no Brasil**”, realizada pelo Grupo de Pesquisa RepGen¹ como parte do projeto “Covid-19, risco, impacto e resposta de gênero”². Objetiva-se conhecer como a pandemia afeta a vida, a saúde das mulheres e o acesso aos cuidados e serviços de saúde, com ênfase nos aspectos da saúde sexual e reprodutiva. O estudo inclui abordagens quantitativas e qualitativas. Na fase quantitativa, realizada em 2021, utilizamos um questionário online, auto aplicado, que continha perguntas sobre diversos temas relativos à saúde e à vida das mulheres durante a pandemia. No final do instrumento, constava a seguinte questão aberta e de preenchimento opcional:

“Você quer deixar algum comentário final sobre alguma/s das questões - ou sobre outro assunto que você considera importante? Sinta-se livre para escrever no campo abaixo”.

As mulheres sentiram-se convidadas a discorrerem sobre os mais variados temas. Apresentamos os resultados da análise das respostas por meio de duas notas técnicas: “Saúde sexual e reprodutiva das mulheres na pandemia” e “Vida das mulheres em tempos de crise: pandemia de Covid-19, relações sociais e de gênero”. As notas podem ser lidas de maneira independente, uma vez que trazem assuntos distintos. A primeira enfatiza os temas referentes à saúde e aos cuidados das mulheres, enquanto a segunda se detém à compreensão das mulheres sobre a crise sanitária e política, bem como às mudanças acentuadas nas relações sociais e de gênero, durante o contexto de pandemia³.



Método

Utilizou-se um questionário online, construído na plataforma RedCap, que possuía 113 perguntas objetivas e uma questão aberta no final. O instrumento circulou de 15 de julho a 30 de outubro de 2021 e foi respondido por 8.313 mulheres de 18 anos ou mais, dentre as quais 1.838 se expressaram neste espaço da questão aberta. As respostas a esta questão foram analisadas a partir de uma abordagem qualitativa. Categorias foram construídas a partir do conjunto de ideias e opiniões sobre a pandemia, acerca de análises de conjuntura sócio-política, relatos de experiências de vida e saúde durante esse período, dos sentimentos e estados emocionais, sofrimentos, descobertas e estratégias de enfrentamento ao contexto pandêmico. As respondentes também utilizaram o espaço para avaliar o próprio questionário, elogiando, apontando falhas e/ou fazendo sugestões, solicitaram retorno dos resultados do estudo ao Grupo de Pesquisa e, até mesmo, pediram orientação e/ou ajuda em assuntos variados.

Perfil das mulheres que responderam à questão aberta

Entre as 1.838 mulheres que responderam à questão aberta, um pouco mais da metade é da Região Sudeste (52,9%, n=974), a mais populosa do Brasil, 25% (n=460) do Nordeste, seguidos das regiões Sul, Centro-Oeste e Norte. Entre elas, 53,8% (n=989) se declararam brancas, 41,3% (n=760) negras e as demais são de origem asiática, indígenas e outras. Em relação à faixa etária, 48,4% (n=886) possuem entre 18 e 39 anos e 51,6% (n=949) têm 40 anos ou mais. A maioria informou estar casada ou unida (52,3%, n=962) e as demais

1 O Grupo de Pesquisa Gênero, Reprodução e Justiça/RepGen é formado pelas pesquisadoras Claudia Bonan (IFF/Fiocruz), Ana Paula dos Reis (ISC/UFBA), Greice Menezes (ISC/UFBA), Cecília McCallum (ISC/UFBA & FFCH/UFBA), Andreza Rodrigues (EEAN/UFRJ), Ulla Macedo (IGM/Fiocruz Bahia), Nanda Duarte (IFF/Fiocruz), Débora Chaves (ENSP/Fiocruz) e Maiara Damasceno Santana (FFCH/UFBA).

2 O projeto faz parte da colaboração internacional “Gender and Covid-19 Project”, com financiamento da Fundação Bill & Melinda Gates e coordenado no Brasil pela pesquisadora Denise Nacif Pimenta, do IRR/Fiocruz Minas. Ver mais detalhes sobre o projeto internacional: <https://www.genderandcovid-19.org/>

3 O Grupo RepGen agradece à pesquisadora Brunah Schall pela colaboração teórica e técnica a este trabalho.



referiram diversas outras situações afetivo-sexuais. 82,8% (n=1522) são heterossexuais e 58,4% (n=1074) possuem filhos. Três quartos das mulheres têm nível superior completo (73,9%, n=1359) e, muitas dessas, fizeram também pós-graduação.

Temas proeminentes

Os principais temas relativos à saúde sexual e reprodutiva que emergiram da análise de conteúdo do material foram: Acesso a serviços de saúde, Saúde reprodutiva, Sexualidade e saúde sexual, Planos reprodutivos, Gravidez, parto e puerpério, Aborto, Repercussões emocionais e experiências reprodutivas das mulheres.

Acesso aos serviços de saúde

A maior parte dos países do mundo enfrentou interrupções contínuas nos serviços essenciais, incluindo de assistência à saúde sexual e reprodutiva, durante a pandemia de Covid-19 (OPAS, 2022). No Brasil não foi diferente. As participantes desta pesquisa foram testemunhas das dificuldades de acesso aos serviços de saúde nesse período, seja no Sistema Único de Saúde (SUS) ou no setor privado, que estavam com horários reduzidos, atendendo exclusivamente casos de Covid-19, ou fechados. Somado a essas dificuldades de acesso, o medo de contrair Covid-19 apareceu como importante obstáculo à procura de atendimentos de saúde, tanto nos serviços públicos como nos privados.



Saúde reprodutiva

No Brasil, as autoridades governamentais ignoraram as orientações da OMS (2020) que determinaram que os serviços de saúde sexual e reprodutiva fossem considerados essenciais. Desse modo, aumentaram as dificuldades de acesso ao exame preventivo do câncer de colo de útero (Papanicolau), à contracepção, ao aborto previsto em lei e a outros cuidados em saúde sexual e reprodutiva (Gênero e Número, 2020).

As participantes da pesquisa relataram, com frequência, situações de interrupção de tratamentos/acompanhamentos e de obstáculos para atendimento a problemas e agravos de saúde que surgiram durante a pandemia, até mesmo em decorrência da Covid-19. Foram mencionadas dificuldades de conseguir consultas para resolver problemas ginecológicos, tratar endometriose, acompanhar patologias mamárias e uterinas, obter contracepção, realizar laqueadura, investigar alteração no fluxo menstrual, abordar sintomas e efeitos da menopausa, dentre outras.

“No início da pandemia, deixei de procurar atendimento no SUS com medo de pegar Covid-19 no ambulatório. Mas como tive problema ginecológico e foi piorando, fui obrigada a procurar o SUS, mas não consegui marcar, pois a prioridade eram pessoas com Covid-19. Marquei particular, mas o seguimento será difícil devido ao custo. Mas tanto no SUS, como no particular, acaba tendo aglomeração na sala de espera, então prefiro não procurar o serviço médico. Sinto que a prioridade no momento é me livrar da Covid-19, que poderia me prejudicar mais rápido, com possibilidade de óbito”

Preta, 40 anos ou mais, São Paulo

“Faço tratamento de lúpus no hospital do servidor, estou sem ir nas consultas desde a pandemia, estou com medo de perder meu tratamento no hospital, por ficar sem ir no hospital por medo de pegar Covid-19.”

Branca, 40 anos ou mais, Rio de Janeiro

“A principal mudança que tive durante a pandemia foi a interrupção de um acompanhamento que estava fazendo após uma cirurgia de endometriose pelo SUS. Fiz a cirurgia em junho/2019 e, no começo de 2020, tinha exames e consultas marcados com o médico para verificar a interrupção do medicamento Dienogeste®. Porém, com o início da pandemia, o hospital ficou 100% direcionado para atendimento à Covid-19 e eu não pude mais ser atendida.”

Parda, 30-39 anos, Paraná



“Tenho nódulos no seio - não são tumores, portanto não é câncer de mama -, que acompanho há anos, mas não fiz os exames de imagem durante esse um ano e meio de pandemia por medo de contaminação. Estou retomando agora a busca por atendimento para isso e para realização de exame preventivo.”

Branca, 30-39 anos, Rio de Janeiro

Foram muitos os relatos sobre adiamento da inserção/acompanhamento de dispositivo intrauterino (DIU) em função da pandemia, tanto por barreiras pessoais (o mais recorrente foi o medo de ir para os serviços de saúde e se contaminar com Covid-19), como institucionais (o serviço se encontrava fechado ou só atendia casos de Covid-19). Também foram referidas dificuldades na realização de laqueadura e vasectomia.

“Com acesso restrito à saúde está bem complicado saber o modo correto de prevenir a gestação. No meu caso, que estou com o DIU Mirena® já vencido, me sinto perdida, pois o ginecologista com que me consultei não me esclareceu qual medida devo tomar. O SUS não está fazendo o procedimento de troca ou retirada do DIU, não sei se posso utilizar outro método contraceptivo.”

Branca, 30-39 anos, São Paulo

“Tento fazer preventivo há bastante tempo e também ultrassom pra monitorar meu DIU, que tem menos de 3 anos, mas a clínica da família diz que só atende quem tem problemas sérios.”

Branca, 30-39 anos, Rio de Janeiro

Muitas mulheres apresentaram alterações do fluxo menstrual nesse período. Elas acreditam ter sido consequência do adoecimento por Covid-19 ou de efeitos pós-vacina. Algumas também atribuem à mudança de vida imposta pela pandemia.

“Eu tive os sintomas de Covid-19 duas vezes, mas não procurei atendimento médico. A segunda vez que tive, o quadro foi mais severo. Desde que tive, minha menstruação está mais intensa, tenho sangramentos e dores mais fortes, dentre muitas sequelas pós-covid-19.”

Branca, 40 anos ou mais, Amazonas



“Suspeito que meu ciclo desregulou após tomar a vacina, o que resultou na minha gravidez. Queria obter mais informações sobre isso é viável e tem sido observado ou não.”

Branca, 30-39 anos, Rio Grande do Sul

[...] pelo estresse advindo da pandemia estou com o ciclo irregular, dificultando uma gestação, pois todas as condições de saúde estão normais para uma gravidez natural.”

Branca, 40 anos ou mais, São Paulo

Algumas mulheres relataram ter iniciado o climatério ou entrado na menopausa durante o “isolamento”, termo largamente utilizado para caracterizar o período coberto pelas medidas de distanciamento social. Passar por essa experiência na pandemia, com todas as restrições ao convívio social presencial, aumentou a sensação de estar sozinha.

“Gostaria de dizer que durante a pandemia aconteceu justamente de eu entrar no período do climatério, eu não quis fazer modulação hormonal, mas senti falta de conviver presencialmente com as amigas da minha idade para compartilhar experiências sobre esse estado. Senti falta dos/as amigos/as para compartilhar também outros sentimentos, senti falta de ir a lugares públicos, ver, ser vista e paquerar. Porém, conviver com o climatério sozinha, ficar sem saber se foram os sintomas da menopausa ou os sintomas do isolamento social que me deixaram sem libido, sem disposição para as questões do dia a dia ou um misto de tudo, tem sido ruim.”

Parda, 30-39 anos, Rio de Janeiro



“Meu ciclo menstrual teve alterações, tiveram atrasos, e senti diminuição no desejo sexual, tenho 48 anos e não sei se pode ser o início da menopausa. Meu namorado está com problemas de ereção desde o início da pandemia e isso também mudou o ritmo das nossas relações.”

Branca, 40 anos ou mais, Paraná

Sexualidade e saúde sexual

Em tempos de distanciamento social e de experiência de isolamento, a vida sexual das mulheres foi afetada. Os relatos de diminuição da libido durante a pandemia e atribuídos ao contexto pandêmico foram frequentes. Exaustão pela sobrecarga de trabalho e hiperconvivência com os/as parceiros/as foram alguns dos motivos imputados pelas mulheres.

“Tenho uma relação de muito companheirismo e diálogo com meu marido. Até a pandemia, nossa libido era alta, tínhamos muitos momentos de desejo e de sexo. Isso acabou, pois ambos estamos sem libido e sem entusiasmo. Convivemos 24h por dia dentro da mesma casa, onde trabalhamos e fazemos todas as outras atividades. Não há tempo para a saudade e para a antecipação, o distanciamento normal do dia de trabalho e das atividades particulares, que são uma parte importante de qualquer relação amorosa.”

Branca, 30-39 anos, Rio de Janeiro

“Senti que durante a pandemia minha libido reduziu. Embora tenha entrado em um relacionamento sério, que fez com que a quantidade de relações que tinha antes da pandemia aumentasse, meu desejo tem diminuído e sinto que isso é um efeito da pandemia”

Parda, 30-39 anos, Bahia

Sofrimentos emocionais, psíquicos, insatisfações consigo mesma e com o próprio corpo foram acionados como motivos para o empobrecimento da vida sexual.

“Sobre minha vida sexual na pandemia... Nos primeiros meses eu mantive o “ritmo/frequência” normal, mas com o avanço dos estudos sobre o vírus e todo o desconforto mental associado, eu me bloqueei. Fiquei meses em tratamento na terapia, porque me sentia culpada por querer sair e beijar na boca. Me senti egoísta demais! Engordei 7kg, minha ansiedade se fez presente em cada um deles. Minha autoestima ainda está muito fragilizada...”

Preta, 25-29 anos, Pernambuco

“A pandemia me fez questionar bastante se atualmente não tenho libido pela situação de completo caos social, por ter voltado a tomar pílula, pela completa insatisfação com o meu novo corpo ou pela dificuldade que envolve quebrar o isolamento para transar com pessoas novas, ainda mais quando se mora com os pais. Fico me perguntando se é normal uma mulher de 22 anos não ter libido alguma. E pior: me pergunto se algum dia ela voltará ao normal.”

Branca, 18-24 anos, Ceará

Houve também diversos relatos sobre desconforto durante as relações sexuais, e mesmo temor de declínio da atividade sexual.

“Há muito carinho e atenção, mas muito pouco sexo e, quando há sexo, não é tão bom quanto antes: não lubrifico, não dilato, em algum momento tenho dores - mesmo tendo orgasmo com facilidade. Ele raramente consegue ter orgasmos. Tenho muito medo de que isso nunca se reverta.”

Branca, 30-39 anos, Rio de Janeiro

Por vezes, as mulheres se culpam pela falta de disposição para a relação sexual, por não conseguir “manter viva a chama” – em meio a tantas “cobranças”. Depoimentos de pressão explícita para fazer sexo também apareceram.



“Eu sinto que como mulher sou cobrada a manter minha produtividade acadêmica, minha produtividade profissional, ser mãe dedicada sem possibilidade de escola para o mais velho, sem rede de apoio no puerpério do mais novo e ainda manter viva a ‘chama’ com o companheiro. Mesmo ele sendo muito parceiro a falta de libido é uma questão de atrito entre nós. Eu estou exausta.

Branca, 30-39 anos, Goiás

O sexo virtual e a masturbação foram outras experiências citadas pelas mulheres, como forma de contornar as dificuldades do contato presencial durante a pandemia.

“Só quero deixar claro que o meu período de isolamento foi longo, eu me cuidei contra o vírus, mas eu mantive um longo relacionamento com alguém à distância, fomos muito felizes, fizemos muito sexo virtual, houve muito amor, mesmo que não tenha havido o sexo da forma regular.”

Branca, 40 anos ou mais, Distrito Federal

“Tentei fazer sexo virtual com um conhecido, mas não foi bom e eu me senti mal, sentimento de vazio e desvalor. Fiquei com asco do amigo e ele vive querendo fazer de novo, mas sinto que isso é muito baixo, sem alma. E depois dessa experiência, só uso meus brinquedos sexuais - vibrações, bolinhas, pomadas, etc. Eu masturbei muitas vezes.”

Branca, 40 ou mais anos, Minas Gerais

Planos reprodutivos

Na pandemia, mulheres foram desencorajadas a engravidar, inclusive em pronunciamentos governamentais. Elas se sentiram carentes de informações sobre o tema e, nesta atmosfera de incertezas, muitas decidiram adiar os projetos de gravidez. Outras não os retardaram, mas relataram ter medo. O ‘tempo’ é uma categoria fundamental para as mulheres que pretendem engravidar. Quanto tempo duraria a pandemia? Por quanto tempo ficariam férteis? E quando poderiam ser retomados os planos de engravidamento?



“Tinha um plano em aberto de engravidar em mais ou menos 5 anos - tenho 35 agora. Com certeza essa ‘pausa na vida’ vai adiar mais esse plano - e tenho medo que talvez fique tarde demais”

Branca, 30-39 anos, São Paulo

Para driblar essa “pausa na vida”, ocasionada pela pandemia, algumas recorreram ao procedimento de congelamento de óvulos. Esta alternativa, porém, tende a estar restrita a mulheres economicamente abastadas, dado o custo elevado do procedimento.

“Durante a pandemia eu optei pelo procedimento de criopreservação de óvulo pelo fato de o tempo estar passando, a idade avançando, e eu não ter um relacionamento. O isolamento social dificultaria mais ainda a possibilidade desse relacionamento.”

Branca, 30-39 anos, Espírito Santo

As incertezas das mulheres não se restringem a quando poderão engravidar, mas se estendem à questão de como a pandemia poderia afetar a sua fertilidade e a saúde de seus futuros filhos.

“Tenho medo da Covid-19 afetar minha fertilidade e meus óvulos, e como consequência meus futuros filhos nascerem com alguma seqüela da Covid-19, estou muito preocupada com isso. De engravidar e o bebê ter problemas.”

Branca, 25-29 anos, Rio de Janeiro



Em relação às mulheres que possuem vivência e/ou diagnóstico de infertilidade, a pandemia elevou as barreiras de acesso aos possíveis tratamentos.

“Acho que a pandemia atrasou meu tratamento de fertilidade... Demorou um tempo até que eu procurasse o serviço porque a orientação era buscar apenas em caso de risco de morte. Hoje estou com diagnóstico de infertilidade e ainda não sei se é possível reverter. Eu gostaria de encontrar um local onde pudessem avaliar minhas trompas obstruídas.”

Branca, 30-39 anos, Rio de Janeiro

Gravidez, parto e puerpério

Até outubro de 2021, o Brasil havia contabilizado 1912 óbitos maternos apenas por Covid-19. Para se ter uma ideia da magnitude desses números, entre 2015-2019, a média anual de mortes maternas por todas as causas obstétricas diretas e indiretas era 1692. Enquanto a taxa de letalidade por Covid-19 na população geral foi de 2,8%, entre gestantes e puérperas chegou-se a 11,7%. Os óbitos maternos por essa causa representam um incremento enorme às já altas taxas de mortalidade materna que temos no país (REDE FEMINISTA DE SAÚDE, 2021). Na questão aberta, as mulheres que gestaram na pandemia relataram medo diante de tantas incertezas.

“De maneira geral, foi assustador estar grávida na pandemia. As mulheres de uma maneira geral foram especialmente afetadas... seria muito bacana termos acesso a acompanhamento psicológico pós/durante pandemia.”

Preta, 40 anos ou mais, Amazonas

“Fiz menos consultas e exames pelo SUS no pré-natal, pois tive muito medo de pegar Covid-19 no posto. Não estou realizando todas as consultas de rotina da bebê pelo mesmo motivo.”

Branca, 30-39 anos, Rio de Janeiro

A pandemia parece ter confirmado a tendência de que em momentos de crise os direitos das mulheres ficam ameaçados. Relatos sobre violência obstétrica e o descumprimento do direito ao acompanhante no parto, previsto na Lei 11.108/2005, emergiram:

“Meu marido não pôde entrar no centro cirúrgico para assistir a cesárea. Acho que o hospital atropelou a lei do acompanhante. Acho que esse tema deve ser abordado para que não aconteça com outras gestantes. É violento e agressivo.”

Branca, 40 anos ou mais, São Paulo

“Sobre o meu parto em uma maternidade pública, foi terrível, eu sofri violência obstétrica sem poder dizer um A sequer, me machucaram, não deixaram meu esposo entrar e ficar comigo, esconderam minha bolsa e meu telefone para que eu não tivesse contato com absolutamente ninguém. Eu estava parando, meu bebê estava parando. Foi terrível, lembro como se fosse hoje. Durmo e acordo pensando nisso.”

Branca, 18-24 anos, Santa Catarina

Os relatos sobre o puerpério no período quarentena foram de solidão, cansaço e dificuldades variadas. A ausência de pessoas pertencentes à rede de apoio aumentou essa sensação.

“Foi difícil passar o puerpério durante a pandemia. Não poder receber visitas, ter pouca ajuda e o medo de pegar Covid-19 e passar pro bebê recém-nascido. Foi difícil.”

Branca, 30-39 anos, Rio de Janeiro



Aborto

Houve muitos relatos de aborto espontâneo. Algumas mulheres associaram a perda gestacional ao adoecimento pela Covid-19 e, em alguns casos, suspeitou-se de que a causa do aborto pudesse estar relacionada à vacina. Foram feitas inúmeras descrições de experiências pessoais que ressaltaram a dúvida e o espanto de que essa correlação fosse possível.

“Tive Covid-19 com sintomas leves, 3 meses depois engravidei e sofri um aborto espontâneo, sem causa aparente, estando sem nenhum problema de saúde. Acredito na relação da Covid-19 com perdas gestacional, mesmo que sendo no período pós-covid.”

Branca, 25-29 anos, Paraná

“Tomei a primeira dose da vacina, descobri minha gravidez dias depois, e tive um aborto retido com 8 semanas de gestação... A vacina pode ter influenciado a perda gestacional?”

Branca, 40 anos ou mais, São Paulo

Em relação ao aborto voluntário, só uma mulher relatou a sua própria experiência durante a pandemia. Outras que abordaram o tema, o fizeram se posicionando favorável ou contrária à legalização.

“Só de responder esse questionário, já ativaram os gatilhos em relação ao aborto. Sem dúvidas foi o pior momento que passei na vida e na pandemia. É uma situação muito solitária e cada vez mais difícil para quem não tem condições de ir para uma clínica. Espero que esse contexto mude!”

Branca, 25-29 anos, Pernambuco

Repercussões emocionais e experiências reprodutivas das mulheres

Poucos foram os relatos que destacaram sentimentos positivos emergidos na pandemia. Em geral, sofrimentos psicoemocionais variados, com destaque para o medo, marcaram a experiência de vida, saúde e reprodução das mulheres no contexto da pandemia de Covid-19, como podemos depreender das falas apresentadas acima. As várias dimensões dessas repercussões emocionais – insegurança financeira e profissional, falta de rede



de apoio afetivo-familiar, solidão, medo do adoecimento, desconhecimento dos efeitos da Covid-19, frustração – estão sintetizadas abaixo.

“Estava planejando engravidar e descobri a gravidez na mesma semana que a pandemia ‘estourou’ no Brasil. Na semana seguinte, todos do meu departamento na empresa que trabalho foram demitidos, inclusive eu, e com isso precisei contar que estava grávida para que revertissem a demissão. Passei toda a gravidez completamente isolada e com muito medo, pois ainda se sabia muito pouco sobre os efeitos da Covid-19 nas grávidas e nos bebês. O isolamento continuou no pós-parto e segue até hoje - bebê com quase 8 meses -, e praticamente ninguém da família e amigos conheceu meu filho pessoalmente. Infelizmente ainda não sei dimensionar o efeito a longo prazo de tanto isolamento - e solidão - no meu bebê e em mim.

Sonho em ainda poder ter outra gravidez mais ‘normal’.”

Branca, 40 anos ou mais, Rio de Janeiro



desorientação
apatia solidão
angustia frustração saudade
abandono tristeza
culpa **medo**
cansaço monotonia
incerteza inquietação
tédio insegurança
desesperança

Considerações finais

As mulheres ocuparam o espaço da questão aberta no formulário da pesquisa e fizeram dele um canal de expressão, apresentando seus testemunhos sobre os efeitos nefastos da pandemia de Covid-19 em suas vidas e em sua saúde sexual e reprodutiva. Questões de gênero, étnico-raciais, de classe, de geração e outras, atravessaram as experiências relatadas. Como em outras crises sanitárias, os direitos das mulheres foram violados, com danos à sua saúde sexual e reprodutiva, sua autonomia e sua integridade física e psíquica.

O acesso a serviços de saúde e atendimento nestes, durante o período pandêmico, atravessaram as experiências relatadas pelas mulheres entrevistadas. Além disso, demarcaram sobre as desigualdades de acesso à saúde nos diferentes setores, público e privado. A qualidade do serviço público foi colocada em questão, quando garantias legais como a presença do acompanhante para as mulheres durante o parto e nascimento foram retiradas dos serviços de saúde. Problemas institucionalizados como o sexismo e o racismo institucional, já bem documentados, se intensificaram, à exemplo a jovem que sofreu violência obstétrica em hospital SUS.

As mudanças no dia a dia causaram profundo impacto na vida doméstica, afetiva e sexual de muitas respondentes, com repercussões para a saúde mental. Sentiram-se impelidas a chamar atenção das pesquisadoras sobre esses impactos, não obstante haver perguntas no questionário sobre o assunto. Sentiram a necessidade de dizer mais. Muitas quiseram apontar as dificuldades específicas vivenciadas em consequência direta da situação pandêmica. Igualmente, no que diz respeito a vida reprodutiva, muitas participantes da pesquisa, que tiveram variadas experiências - infertilidade, aborto espontâneo, gravidez, parto etc -, fizeram contribuições que nos ajudaram a iluminar o leque e extensão das dificuldades enfrentadas pelas mulheres durante a pandemia.

As participantes estabeleceram um ambiente dialógico com as pesquisadoras e pautaram assuntos variados, inclusive com críticas dirigidas à produção do conhecimento científico. Neste sentido, deram mais do que um feedback, posicionando-se como correalizadoras do estudo, a partir de seus comentários e sugestões. Escreveram com a certeza de que seriam lidas,



Picture credit: Midia NINJA

portanto, dialogaram⁴. O material reunido nessa questão aberta, além de importantes reflexões sobre a situação de saúde das mulheres brasileiras na pandemia, remete ao fazer científico em ambientes virtuais, sobretudo nas áreas da Saúde Coletiva.

Referências

OMS, 2020. COVID-19: Operational guidance for maintaining essential health services during an outbreak: WHO; 2020. [internet]. [acesso em 2020 jul 24]. Disponível em: <https://www.who.int/publications-detail/covid-19-operational-guidance-for-maintaining-essential-health-services-during-an-outbreak>

OPAS, 2022 Serviços essenciais de saúde enfrentam interrupções contínuas durante pandemia de COVID-19. Disponível em <https://www.paho.org/pt/noticias/7-2-2022-servicos-essenciais-saude-enfrentam-interrupcoes-continuas-durante-pandemia-covid> [25 de abril 2022]

Revista Gênero e Número, 20 de abril de 2020. Disponível em <https://www.generonumero.media/pandemia-dificulta-acesso-contraceptivos-no-sistema-de-saude/>

Rede Feminista de Saúde. Mortalidade e letalidade materna por Covid-19 no Brasil. 24 de outubro de 2021. Disponível em https://cebes.org.br/mortalidade-e-letalidade-materna-covid-19-brasil/26419/#:~:text=A%20RMM%20em%202020%20poderia,%2F2.916337*100%20mil) [19 de maio de 2022]

⁴ Após verificar esse desejo de dialogar, o Grupo de Pesquisa criou um blog e convidou mulheres em geral, e não só aquelas que responderam ao questionário, para compartilhar, anonimamente, relatos sobre suas vivências durante a pandemia. Ver <https://juntasnapandemia.org/>